

Recital

Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

UMA CARTA À LÉLIA GONZALEZ

A letter to Lélia Gonzalez

Ana Clara DAMÁSIO

Doutoranda pelo Departamento de Antropologia (DAN), Universidade de Brasília (UnB)

anaclarasousadamasio@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.46636/recital.v6i1.458>

Resumo

Nesta carta endereçada a Lélia Gonzalez, Ana Clara Damásio reflete sobre sua pesquisa de doutorado em andamento em antropologia, com foco no impacto da escravidão nos movimentos involuntários das famílias negras dentro do Brasil. Inspirada pelo trabalho de Lélia sobre consciência e memória, a autora discute suas lutas e dilemas ao abordar a importância das vidas negras e suas experiências no Brasil contemporâneo, fazendo referência ao movimento Black Lives Matter, a eventos recentes envolvendo pessoas negras no Brasil e a violência racial. A carta é uma reflexão sobre a contínua luta pelo reconhecimento, justiça e igualdade para as vidas negras no Brasil.

Palavras-chave: Lélia Gonzalez. Carta. Relações Raciais.

**Abstract**

In this letter addressed to Lélia Gonzalez, Ana Clara Damásio reflects on her ongoing doctoral research in anthropology, focusing on the impact of slavery on the involuntary movements of black families within Brazil. Inspired by Lélia's work on consciousness and memory, the author discusses her struggles and dilemmas in addressing the significance of black lives and their experiences in contemporary Brazil, referencing the Black Lives Matter movement, recent events involving black individuals in Brazil, and racial violence. The letter is a reflection on the ongoing struggle for recognition, justice, and equality for black lives in Brazil.

Keywords: Lélia Gonzalez. Letter. Racial Relations.

Querida Lélia¹,

Escrevo com profunda gratidão e respeito, optando por um formato mais convencional de carta, direto do Brasil, mais precisamente de Brasília. Atualmente, estou dedicando meu tempo ao doutorado no Departamento de Antropologia Social da Universidade de Brasília (UnB). Minha pesquisa concentra-se na temática da escravidão, com foco nos movimentos involuntários e compulsórios das famílias negras dentro do Brasil, bem como nas complexas relações de parentesco e estruturas familiares que emergiram em meio aos sistemas de precarização que afetam essas famílias.

Decidi empreender uma incursão etnográfica em minha própria história, investigando as trajetórias de minha trisavó, bisavó, avó, tia-avó, mães e tias. As narrativas que compartilham ecoam através da memória, como você perspicazmente apontou. A consciência desempenha um papel fundamental, pois é ela que, com suas complexas camadas de alienação e ocultamento, influencia a maneira como enxergamos nossa história. A memória, por sua vez,

¹ Essa carta foi apresentada na mesa redonda “Círculo dos afetos: vidas negras importam”. A mesa foi promovida como uma das atividades previstas para a primeira Festa do Livro da Universidade de Brasília (UnB). Ela ocorreu às 16 horas, no anfiteatro 10 localizado no Instituto Central de Ciências (ICC), no campus Darcy Ribeiro. Também estavam presentes na mesa a Prof^ª. Dra. Layla Carvalho, Prof^ª. Dra. Jacqueline Teixeira e a Doutoranda Rosana Pereira.



funciona como inscrições que nos permitem resgatar uma realidade histórica que nunca foi devidamente registrada. Como você disse: "E, no que se refere à gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo para nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela para tudo nesse sentido. Só que isso está aí... e fala." (GONZALEZ, 2020, p.70).

É por isso que resolvi falar, escrever e contar. A razão pela qual escolhi escrever esta carta a você, Lélia, está relacionada a uma lembrança que surgiu em minha mente, envolvendo Glória Anzaldúa, uma contemporânea sua. Glória, assim como você, foi uma estudiosa notável, abordando questões relacionadas à teoria cultural chicana, feminismo e teoria queer. Em seu artigo intitulado "Falando em Línguas: Uma Carta para as Mulheres Escritoras do Terceiro Mundo", ela expressou: "Não é fácil escrever esta carta. Começou como um poema, um poema longo. Tentei transformá-la em um ensaio, mas o resultado ficou áspero, frio. Ainda não me livrei das tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas que a escola impôs à minha escrita. Como recomendar? Como alcançar a intimidade e imediatez que desejo? De que forma? Uma carta, claro." (2000, p. 229). E é assim que esta carta a você, Lélia, começou a tomar forma.

Você, Glória, Conceição e todas as minhas parentes têm desafiado meu entendimento, assim como o de tantas outras pesquisadoras. Como você declarou em 1980: "Mas enfim, voltei às origens, busquei as minhas raízes e passei a perceber, por exemplo, o papel importantíssimo que a minha mãe teve na minha formação" (2020, p.267). Você cruzou o meu caminho após tantos anos, tornando-se uma presença transformadora em minha vida, instigando-me a refletir sobre história, escravidão, famílias negras, mulheres, presenças, ausências e afetos. Você me ensinou a pensar, Lélia! E não há nada mais poderoso do que isso. Portanto, decidi escrever esta carta (após inúmeras promessas e tentativas) para compartilhar o que tem ocorrido em minha jornada recente. Levei algum tempo, mas finalmente estou aqui.

Recentemente, recebi o convite para participar de uma mesa intitulada "Círculo dos Afetos: Vidas Negras Importam". Este convite imediatamente me transportou para outros contextos, Lélia. Desde 2013, o movimento *Black Lives Matter* emergiu como uma voz poderosa contra a violência policial e o racismo sistêmico. Sua origem remonta à colaboração de três grupos distintos: a Aliança Nacional das Trabalhadoras Domésticas, a Coligação Contra a Violência em Los Angeles e o Ativismo pelos Direitos dos Imigrantes. O movimento ganhou notoriedade após a trágica e violenta morte de Eric Garner em 2014 que, de maneira semelhante a George Floyd, foi vítima de estrangulamento por um policial. A frase "I can't breathe" (não



consigo respirar) tornou-se um símbolo desses protestos contra o racismo. E creio que parte do título desse evento também evoca essa realidade de violência, morte, extermínio e tantos outros afetos que no momento não sei nomear. Ao mesmo tempo, traz à tona a luta, a resistência, a esperança e as tentativas. Decidi permanecer em um pêndulo, oscilando entre esses polos.

Ao refletir sobre o título desse evento, Lélia, passei muito tempo mergulhada nele. Eu não sabia o que dizer. E, sinceramente, ainda não tenho plena certeza se estou sabendo. Essa questão me inquietou profundamente, perseguindo-me enquanto tomava banho, durante as refeições, em conversas com outras pessoas... No lugar de respostas, o título me gerou uma série de perguntas. O que, de fato, significam essas "vidas negras"? Como podemos definir esses "afetos"? Qual é o percurso desse "circuito"? E, por fim, o que queremos dizer com "importar"? O que se espera que eu discuta? O que desejo expressar? Levei bastante tempo para discernir o que gostaria de compartilhar com a audiência presente.

Talvez eu pudesse ter abordado a experiência de ser uma mulher negra de pele clara no Brasil. Talvez pudesse apontar, assim como Glória, como é viver na fronteira? Ou como é viver aqui com as narrativas de desencontros provocadas pelo racismo, a branquitude, o capitalismo e o colonialismo? Poderia apontar como esses sistemas se interconectam para criar um complexo sistema gerador de precariedades para a vida de pessoas negras? Ou eu deveria ter compartilhado minha jornada como trabalhadora doméstica para custear minha educação? Poderia também ter mencionado que minha mãe trabalhou como doméstica enquanto eu chegava ao doutorado?

Isso também foi uma vitória, não é mesmo? Será que era sobre essas conquistas que eu deveria falar, Lélia? Sobre os espaços que alcançamos? Mesmo que esses lugares, nos quais me encontro como a única de minha família a frequentar uma universidade pública, pareçam distantes do que eu realmente almejava para mim e para minha família? Contudo, em muitos aspectos, sinto que escapei de alguma coisa. Escapei de quê? Para onde fui? Como Neusa Santos Souza² me ensinou, essa ascensão social tem suas armadilhas. São armadilhas perigosas, solidões perigosas, desejos ainda mais perigosos. E, sinceramente, tenho medo de tudo isso.

² SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar. 171p. 2021.



Entretanto, minha mente continuou a divagar, Lélia. E continuei. Sempre compreendi plenamente que a vida é importante; ninguém precisou me convencer disso. Mas a quem devemos convencer de que as vidas de pessoas negras importam? Será o sistema de políticas públicas? O Estado? As constantes e históricas estruturas de precariedade criadas para nós? As elites mundiais? A elite econômica? A elite intelectual? O Norte global? Os garimpeiros? A polícia? Após mais de 500 anos, quem é o destinatário de nosso constante esforço para convencer de que vidas negras importam? As estatísticas demonstram que, mesmo após meio milênio, a desigualdade persiste com base na raça e no gênero. No entanto, apresentar tabelas e dados não parece sensibilizar ninguém, nem mesmo aqui no Brasil. Os números e corpos estão aí todos os dias para todo mundo ver. E no final do dia continuamos contando corpos. Os anos passam, mas os mesmos corpos continuam a ser vitimados nas mesmas ruas, independentemente do governo em exercício.

No entanto, desejo compartilhar a história recente de duas pessoas em particular, Lélia. Gostaria de falar sobre Thiago Menezes Flausino e Mãe Bernadete. Thiago, um menino de apenas 13 anos, foi tragicamente assassinado na Cidade de Deus/RJ durante uma operação da polícia militar. Sua mãe, Priscilla, descreveu-o como uma criança carinhosa, educada, a alegria de sua casa. Ele era estudioso, frequentava a escola diariamente e tinha sonhos de se destacar no futebol para proporcionar uma vida melhor à sua mãe. Thiago, Lélia, infelizmente não foi uma prioridade aqui. Ele se tornou mais uma vítima da triste realidade em que nossas crianças são e estão sendo exterminadas. A quem eu preciso convencer de que a vida de Thiago importa?

E Mãe Bernadete? Agosto foi um mês interminável para nós (como todo ano é). Eu queria compartilhar notícias diferentes, mas Mãe Bernadete... ela foi brutalmente assassinada, alvejada com vários tiros, muitos deles no rosto. Não foi um assassinato, foi uma tentativa de apagar, desfigurar e desintegrar. E todo Terreiro aqui no Brasil chorou. E todo Quilombo também chorou. E o Orum também chorou, pois essas duas trajetórias foram interrompidas, retiradas. Thiago e Mãe Bernadete. Um menino e uma mãe. São tantos meninos, tantas mães. Mais um menino e uma mãe. É tudo o que consigo dizer. Quem precisamos convencer de que a vida deles importa, Lélia?

A quem devemos clamar com todas as nossas forças que eles importam? Sinceramente, não tenho mais certeza. Gritar de desespero também cansa, e eu não quero ficar sem voz. Não tenho essa opção. E eu não queria encerrar uma apresentação pública pedindo a todos que se



importem. Primeiro, porque poderiam interpretar que estou exausta, e em última análise, que não domino o acadêmico exigido. Talvez eu esteja exausta, como todas nós estamos. Então, preferi ficar ali, tentando de alguma forma afirmar que nossas vidas importam, que a vida é importante.

E no meio de sentimentos que eu não sabia nominar, Lélia, lembrei das palavras de Ailton Krenak³. Ele disse algo como: "Mas não podemos sucumbir à narrativa do fim do mundo que nos assombra, pois ela nos faz desistir de nossos sonhos, e dentro de nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais... Os orixás, assim como os ancestrais indígenas e de outras tradições, instituíram mundos onde a gente pudesse experimentar a vida, cantar e dançar, mas parece que a vontade do capital é empobrecer a existência".

É por isso que no meio de todos esses sentimentos, debates sobre importância e afirmações, tenho encontrado, há muito tempo, força no meu Terreiro. Tento dançar, canto, rezo e alimento minha cabeça. Porque sei que, independentemente de quem se importa, nós não nos renderemos à narrativa do fim do mundo. Nunca nos renderemos. Continuaremos a criar outros mundos possíveis, mais hospitaleiros, e é nisso que preciso acreditar. Um mundo onde os filhos dessa terra não experimentem o que aconteceu com Thiago e Mãe Bernadete. E eu acredito nesse mundo. Porque, enquanto afirmo, eu acredito. E eu sei que a palavra-falada-cantada é Axé. Eu sei que eles não podem arrancar isso. E eles nunca o farão.

E esta carta já está ficando longa, Lélia. E ninguém gosta de ler cartas longas. No entanto, desejo me despedir lembrando de algo que você disse no Anexo II do Senado Federal em 28 de abril de 1987, na reunião da Subcomissão dos Negros, Populações Indígenas, Pessoas Deficientes [na linguagem atual, Pessoas Com Deficiência] e Minorias:

"Mas, de qualquer forma, nos unimos àqueles constituintes, àqueles efetivamente representantes do povo brasileiro, que se unem a nós, que são sensíveis às nossas propostas, às nossas denúncias, às nossas reivindicações, porque, repito, não é com a mulher negra na prostituição; não é com o homem negro sendo preso todos os dias por uma polícia que o considera, antes de mais nada, um suspeito; não é com a discriminação no mercado de trabalho; não é com a apresentação distorcida e insignificante da imagem do negro nos meios de comunicação; não é com teorias e práticas pedagógicas que esquecem, que omitem a história

³ KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. Companhia das Letras. p. 21, 2022.



da África e das populações negras e indígenas no nosso país, não é com isso que se vai constituir uma nação. Construir-se-á, isso sim, uma África do Sul muito bem-estruturada, mais bem-estruturada do que a própria África do Sul, porque, sem assumir legalmente o apartheid através de um discurso teatral da democracia racial, ela mantém um tipo de apartheid. Isto nós negros deste país, que lutamos, nós cidadãos deste país, pela nossa cidadania neste país, nós negros, mulheres, trabalhadores, não vamos permitir isso e por isso estamos aqui. Se quiserem estruturar uma África do Sul, que o façam, mas não pensem em construir conosco uma nação, esse projeto de nação não é nosso. O nosso projeto de nação está presente em nossas instituições negras, está presente, por exemplo, em uma umbanda que recebe de braços abertos católicos, espíritas, budistas, etc. O nosso projeto é efetivamente de democracia, de sociedade justa, com todos os segmentos que a acompanham e igualitária com relação a todos os segmentos (palmas) (2020, p. 252)".

E depois de tudo, eu acredito nesse projeto, Lélia.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad. Édina de Marco. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 376 p, 2020.
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. Companhia das Letras. 61p, 2022.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar. 171p. 2021.

Recebido em: 21 de setembro 2023

Aceito em: 09 de março 2024